

Compreender o não visível: um convite à leitura de imagens e imaginários em tiras

*Understanding the non-visible:
an invitation to read images
and imaginaries in comic strips*

Eveline Coelho CARDOSO (UERJ)
cardoso.eveline@uerj.br

Anabel Medeiros Azerêdo de PAULA (UFF)
anabel.azeredo@gmail.com

Recebido em: 31 de ago. de 2022.
Aceito em: 08 de nov. de 2022.

CARDOSO, Eveline Coelho; PAULA, Anabel Medeiros Azerêdo de. Compreender o não visível: um convite à leitura de imagens e imaginários em tiras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2537, p. 209-225, set.-dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32537.

Resumo: A tira inscreve-se no domínio discursivo midiático como um gênero proveniente do hipergênero quadrinho (RAMOS, 2009a, 2009b). Trata-se de uma produção verbo-visual flexível, não raramente apenas não-verbal, que pode ser um trunfo em sala de aula, por mobilizar ativamente recursos imagéticos e conhecimentos de mundo. Segundo Charaudeau (2013b), o texto visual parece decifrar-se naturalmente e não exigir aprendizagem sistemática, porém, requer saberes específicos de conhecimento e de crença para a construção de seu sentido. Considerando que tais saberes estruturam os imaginários sociodiscursivos subjacentes a toda representação do mundo mediada pela linguagem (CHARAUDEAU, 2007, 2013a), o presente trabalho investiga sua incidência no processo de interpretação/compreensão de quatro peças “mudas” (POSTEMA, 2018), de autoria dos cartunistas brasileiros Laerte Coutinho e Alexandre Beck. A partir da descrição e análise do *corpus*, evidencia-se a importância do processo inferencial interdiscursivo, que revela os imaginários sociodiscursivos constituintes do texto, relacionados ao propósito intencional de captação do leitor para determinação do ponto de

vista. Espera-se, assim, fornecer subsídios para amparar estratégias de formação de leitores mais competentes, capazes de articular semanticamente o visível e o não visível dos textos.

Palavras-chave: Tiras. Imaginário sociodiscursivo. Semiologia.

Abstract: Comic strips belong to the media domain as a genre originating from the hypergenre comic (RAMOS, 2009a, 2009b). It is a flexible verbal-visual production, not rarely just non-verbal, which can be an asset in a classroom by actively mobilizing imagery resources and knowledge of the world. According to Charaudeau (2013b), the visual text seems to be deciphered naturally and does not require systematic learning. However, it requires specific knowledge and belief to construct its meaning. Assuming that knowledge builds socio-discursive imaginaries implicit in representations and mediated by language (CHARAUDEAU, 2007, 2013a), this paper investigates its impacts on the process of interpretation/understanding of “mute” comic strips (POSTEMA, 2018) created by Brazilian cartoonists Laerte Coutinho and Alexandre Beck. Through *corpus* description and analysis, it was possible to present the importance of the interdiscursive inferential process, which reveals socio-discursive imaginaries that constitute the text, related to the purpose of capturing the reader to a particular point of view. We hope to provide subsidies to support training strategies for more competent readers capable to articulate, semantically, visible and non-visible into texts.

Keywords: Comic strips. Socio-discursive imaginary. Semiotics.

Palavras iniciais

Em um mundo cada vez mais conectado por dispositivos multifuncionais e redes móveis de internet progressivamente mais potentes, comunicar-se nas cidades modernas, como disse Santaella (2012), é como transitar em uma floresta de signos. Sem dúvida, as imagens são espécies predominantes na biodiversidade sócio urbana e impõem à escola o desafio de oferecer aos exploradores aprendizes guias e estratégias para que sua excursão comunicativa seja mais prazerosa e segura.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais da Educação Básica – estabelece, na quarta de suas dez competências norteadoras, a utilização de diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital. Na área de linguagens, recomenda-se o trabalho com uma gama de textos multimodais que circulem em diversos campos de atuação, a fim de oferecer ao aluno a vivência de diferentes modos e objetivos de leitura, que corroborem uma postura crítica e a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem (BRASIL, 2017).

Contudo, o mundo da imagem – que mais interessa a esta investigação – é mais complexo do que aparenta e oferece constantes

desafios ao aluno e ao professor. Para Santaella (2012), toda leitura de imagem pressupõe que interpretar uma imagem é um processo que se acrescenta ao mero reconhecimento e que comporta, antes de tudo, dar-se conta de seu contexto de existência. Dessa forma, não obstante compor uma dimensão textual “visível”, a imagem nos obriga a ver um processo de reenquadramento do mundo além de sua opacidade, isto é, implica uma dimensão “não visível” ou um “visível não presente”, que depende de conhecimentos e convenções partilhadas e dos meios disponíveis para sua produção (CHARAUDEAU, 2013b, p. 388).

Com base na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau (2007; 2018), e nos estudos dos quadrinhos (RAMOS, 2009a, 2009b; POSTEMA, 2018), no presente trabalho, propõe-se a análise de um conjunto de tiras que circularam no contexto da mídia atual e que prescindem do texto verbal em sua estrutura. O objetivo principal é examinar a importância dos diversos tipos de saberes partilhados para a produção de inferências interpretativas nesses textos, as quais, reunidas, têm como resultado a apreensão global do sentido, ou a compreensão.

O gênero *tira* e o contrato comunicativo midiático

Mikhail Bakhtin, um dos mais importantes teóricos dos estudos modernos sobre gêneros discursivos, legou-nos uma definição ampla dessa categoria comunicativa, que põe em evidência o princípio dialógico inerente à própria linguagem. Trata-se da definição de gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p. 279), elaborados no interior de cada esfera de utilização da língua e definidos em termos de conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

Em sua abordagem, o autor privilegia os usos situados da língua e a presença ativa do interlocutor como fatores determinantes da comunicação humana, a fim de chegar a uma explicação sobre como a língua é formatada ao ser posta na arena dos discursos. Para isso, põe em relevo, além do contexto social, o vínculo do sistema verbal com a intencionalidade do homem (seu querer dizer), que, segundo Bakhtin (1992), determina a amplitude e as fronteiras do enunciado (unidade real da comunicação verbal), “realizando-se, acima de tudo, na escolha de um gênero” (BAKHTIN, 1992, p. 301).

A Teoria Semi linguística de Análise do Discurso – principal fundamento da presente pesquisa – está ancorada nos pressupostos bakhtinianos, assumindo também o estudo da língua a partir de suas raízes na concretude da interação verbal. Entretanto, a Semi linguística, apesar de considerar a dominância da linguagem verbal sobre as não-verbais, reconhece que a construção e a configuração da significação se fazem a partir de uma relação forma-sentido em diferentes sistemas semiológicos. Dessa forma, seu idealizador propõe uma maneira de problematizar o discurso, priorizando os aspectos psicossociolinguísticos da construção do sentido em textos verbais, não-verbais ou híbridos. Para tanto, a teoria se sustenta sobre dois pilares, que justificam e orientam todo o quadro teórico: a situação de comunicação e os sujeitos do discurso (CHARAUDEAU, 2008).

Segundo Charaudeau (2008), os sujeitos são os protagonistas dos processos de produção e interpretação dos atos de linguagem, e põem em cena, ao tomarem a palavra, seus projetos de fala intencionais. Por outro lado, a situação de comunicação é que estrutura o ambiente de linguagem de maneira pertinente à troca comunicativa, orientando as restrições e liberdades a que os interlocutores estão sujeitos, as quais compõem os contratos comunicativos.

Dessa forma, alinhado com Bakhtin (1992), Charaudeau (2008) considera os gêneros situacionais, uma vez que se definem a partir das cláusulas dos contratos e subcontratos comunicativos emergentes de cada domínio discursivo (político, jurídico, didático, literário etc.) – ou esfera de atividade humana (BAKHTIN, 1992). Portanto, para definir o objeto de pesquisa deste trabalho – as tiras –, levamos em consideração que tais textos emergem de um contrato comunicativo jornalístico/midiático, cuja finalidade básica se subdivide entre o interesse de fazer saber, que corresponde a uma visada de informação; e o interesse de fazer sentir, que corresponde a uma visada de captação.

Como os demais gêneros oriundos do enquadre situacional da mídia, as tiras são elaboradas por um sujeito que representa uma instância de produção e se dirige a uma instância de recepção, representada por um leitor consumidor. O leitor almeja ser informado e precisa ser atraído para este e não aquele veículo de informação. O enunciador midiático, por sua vez – especialmente o que goza de mais liberdade para opinar, como o que produz editoriais, crônicas e quadrinhos jornalísticos – seleciona e semiotiza os fatos do mundo com base em crenças e conhecimentos partilhados com seu público-alvo, organizando seu discurso de maneira a potencializar a atração do leitor.

A tira, para Ramos (2009a, 2009b), é concebida como um gênero agregado ao hipergênero dos quadrinhos, conceito ancorado na proposta do linguista francês Dominique Maingueneau e definido como um grande rótulo, que agregaria diferentes gêneros comuns cuja linguagem é marcada pela predominância do tipo textual narrativo e do uso de imagens desenhadas. Nessa perspectiva, a tira (tira cômica, tira em quadrinhos, tirinha, tira de jornal, tira diária ou tira jornalística), assim nomeada em razão de seu formato, é, por isso mesmo, “um texto curto, construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final” (RAMOS, 2009a, p. 24).

Segundo Ramos (2009a), as tiras cômicas, que compartilham estratégias textuais com as piadas, são as mais conhecidas e publicadas. As que têm personagens fixos exigem do leitor, ainda, que acione informações sobre as características de sua personalidade para produzir o sentido pretendido pelo autor. Ramos menciona, ainda, as tiras seriadas (cômicas ou de aventura), que, à semelhança das telenovelas, centram-se numa história narrada em partes, de modo que, em conjunto, formam uma história em quadrinhos.

Cabe destacar que, com o avanço das tecnologias digitais, as tiras têm como suporte, além dos jornais impressos e as respectivas páginas virtuais, as redes sociais dos artistas e, ainda, revistas ou livros. A circulação nesses ambientes incide, de maneira significativa, sobre sua produção, garantindo aos autores mais possibilidades de experimentação estética em virtude da oferta de um leque maior de ferramentas digitais, bem como favorece a diversidade na abordagem temática, que pode transitar desde o humor prosaico aplicado a situações cotidianas corriqueiras – o que estaria na base de seu contrato, aproximando as tiras das piadas – (RAMOS, 2009a, 2009b) – à crítica social e política mais profunda, mais comum no gênero discursivo *charge*.

Para pensar mais especificamente o *corpus* da presente investigação, composto de tiras ‘silenciosas’, Postema (2018) afirma que o elemento verbal auxilia no abastecimento de detalhes dos quadrinhos, mas não é essencial para contar a história ou para dar suporte à narrativa, nem garante elucidação e exatidão. Os exemplos aqui analisados, essencialmente imagéticos, corroboram essa posição, ressaltando que as imagens, enquanto representações visuais, encerram complexidades que é preciso aprender a explorar em suas múltiplas camadas (subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas)

(SANTAELLA, 2012). Isso depende, por sua vez, de um conjunto de inferências ancoradas em saberes partilhados diversos, como veremos nos próximos itens.

Interpretar e compreender: um processo inferencial

Interpretação e compreensão são conceitos difíceis de serem delimitados, havendo quem os conceba como processos associados ou sequer os distinga. No entanto, segundo Charaudeau (2018), as ciências da linguagem souberam tirar bastante proveito das discussões filosóficas acerca dessas noções, reconhecendo-as não só como atividades que geram o sentido, mas também como processos que atribuem responsabilidade ao sujeito falante. Além disso, a interpretação passou a ser tomada como uma atividade e a compreensão, como o resultado de uma tentativa de objetivar o sentido – o que, conseqüentemente, constrói um real significante, e não a realidade do mundo.

Assim, a Linguística propôs que o significado (o real) não se confunde com o referente (a realidade), sendo, portanto, o real, resultado de uma interpretação. Da Filosofia, ainda foi trazida a hipótese de que os sujeitos são afetados pelo seu passado e pelo seu presente, o que permite estabelecer uma relação com os pressupostos linguísticos que defendem a influência da intertextualidade, da interdiscursividade e do saber partilhado no processo de significação.

No que concerne à interpretação, Charaudeau (2018) alude ao que registram os dicionários sobre esse fenômeno, definindo-a como uma atividade de decifração e de extração do sentido, que precede a compreensão. Recorrendo novamente aos estudos filosóficos, considera a interpretação como uma condição necessária à construção da compreensão, uma atividade relativa à posição do sujeito. Apesar de certos posicionamentos afirmarem que a interpretação apresenta níveis organizados por hierarquia e diferenças quando tratada em campos teóricos distintos, para o teórico, não existe hierarquia absoluta, mas interpretações distintas, devido ao grau de coerência, à qualidade de detalhes e à atribuição de novos sentidos ao objeto de referência.

Em suma, se pode afirmar que, através da hermenêutica, chegou-se à conclusão de que compreender é apreender o sentido, e esse processo resulta de várias atividades de interpretação. Conseqüentemente, percebe-se a importância do sujeito falante nessa dinâmica, que, apesar de ser um elemento externo à frase, insere a

sua presença e a de seu interlocutor no processo de compreensão, instaurando uma relação de alteridade e assimetria. Nessa interação, o sujeito falante quer significar e o interlocutor, interpretar; o que conduz à distinção, proposta por Charaudeau (2018), entre efeito visado pelo falante e efeito produzido e construído pelo interpretante. Desse modo, o teórico afirma que o ato de linguagem é uma coconstrução de sentidos, pois há um encontro entre o sentido intencional, produzido pelo sujeito falante, e o sentido reconstruído, gerado pelo sujeito interpretante.

De acordo com Charaudeau (2018), ao interpretar, o sujeito combina elementos que estão dentro e fora do enunciado de duas formas: por inferência centrípeta interna, que ocorre no interior do enunciado e constrói o sentido, e por inferência centrífuga externa, que se realiza no exterior e produz a significação. Vale destacar que essas são operações cognitivas feitas a partir daquilo que o sujeito interpretante extrai de um ato de linguagem, portanto, não há garantia de verdade.

As inferências centrípetas internas remetem ao sentido de língua, permitem desfazer ambiguidades polissêmicas, por meio de um cálculo inferencial entre os elementos estruturais, ou seja, estão relacionadas ao eixo paradigmático e ao eixo sintagmático da língua. Já as inferências centrífugas externas referem-se ao contexto psicossociosemiológico do ato de linguagem. O cálculo inferencial é feito a partir dos elementos exteriores ao enunciado, que podem ou não ser identificados sob formas linguísticas. Charaudeau (2018) distingue dois tipos de inferências centrífugas, nomeadamente, inferências situacionais e inferências interdiscursivas.

As inferências situacionais concernem ao conhecimento que os parceiros têm sobre o contrato de comunicação em que estão inseridos, desde o que se sabe sobre a identidade dos sujeitos, a finalidade da troca, até as circunstâncias materiais que a sustentam. As inferências interdiscursivas, por sua vez, se relacionam aos saberes de conhecimento e de crença, produzidos pelos sujeitos falantes, que impregnam as palavras de sentidos circulantes nos grupos sociais. As inferências interdiscursivas que se baseiam em conhecimento de crença são distinguidas entre aquelas que se apoiam em saberes de opinião e as que se referem a saberes ideologizados. E há as inferências que operam usando saberes de conhecimento; são chamadas inferências metadiscursivas epistêmicas.

Para os fins desta pesquisa, daremos destaque às inferências interdiscursivas, que põem em atividade o nível semântico da

competência discursiva (CHARAUDEAU, 2008, p. 7-8), mobilizando os diferentes tipos de saberes na (re)produção de imaginários sociodiscursivos, como veremos a seguir.

Representações sociais e Imaginários sociodiscursivos

O homem é um ser social e tem a necessidade de estar em relação com o outro, seja para persuadi-lo, seja para seduzi-lo; e a troca linguageira entre aqueles que se tornam protagonistas em um contrato de comunicação faz emergir o conhecimento da realidade e o julgamento que esses sujeitos trazem sobre os seres do mundo. Segundo Charaudeau (2013a, p. 188), “o homem é tomado tanto por um desejo de inteligibilidade do mundo quanto de troca com o outro”, mas, se essa interação não fosse preenchida por uma determinada visão de mundo e pelo juízo que cada um faz de si e de tudo que o cerca, certamente, seria desprovida de sentido.

De acordo com Moscovici (2007, p. 32), as representações sociais construídas pelos sujeitos determinam a sua visão de mundo: “[...] no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados”. Para o teórico, as representações sociais convencionalizam os seres do mundo, atribuindo-lhes definições, localizações e categorias. Além disso, elas são também prescritivas, irresistíveis e partilhadas por um grupo de pessoas.

Cada sociedade representa o mundo de modo diferente, estabelece definições, classificações e atribui valores aos seres e às experiências que vive, por isso, o conhecimento de mundo é múltiplo e variado. E para entender como determinado grupo social pensa ou se comporta, é preciso decompor esse conhecimento, ordená-lo e classificá-lo.

Para Charaudeau (2013a), quando as representações sociais são tomadas com a finalidade de atribuir sentido, elas constituem maneiras de ver e de julgar o mundo, mediante discursos que produzem saberes. Esses saberes não são abstrações mentais, são maneiras de dizer, recuperáveis semanticamente em enunciados verbais ou não-verbais, que sustentam as representações sociais e constroem sistemas de pensamento. Porque os saberes também constroem o real como universo de significação e circulam no interior de um grupo social, foram denominados como imaginários sociodiscursivos.

Charaudeau (2007) dividiu esses imaginários sociodiscursivos em dois grandes grupos: os de conhecimento e os de crença. Os saberes de conhecimento se constituem como uma verdade sobre um fenômeno do mundo e são concebidos como representação da realidade proveniente de uma razão científica, portanto, livre da subjetividade humana. Já os saberes de crença se fundam em valores partilhados por um grupo, provêm de um processo avaliativo subjetivo, no qual o sujeito estabelece o seu julgamento sobre os fatos.

Os saberes de conhecimento e os de crença foram ainda subdivididos em outros grupos. Os saberes de conhecimento podem ser de natureza científica ou da ordem da experiência, o que os diferencia é a utilização de fiadores, que, no caso do saber científico, constata a veracidade das representações propostas. Já o saber da experiência se fundamenta na empiria, ou seja, na percepção do mundo dada por meio dos sentidos.

Os saberes de crença, por sua vez, também podem ser de dois tipos: o de revelação e o de opinião. O saber de revelação pode ser verificado em doutrinas, religiosas ou não. É um saber que costuma ser transmitido pela tradição oral, mas também pode ser registrado. Estabelece um modelo de pensamento e de comportamento que requer adesão total do sujeito. Caracteriza-se como um saber fechado, pois não admite críticas, nem contestações. Já o saber de opinião tem origem em um processo de avaliação pelo qual o sujeito se posiciona em relação aos fatos do mundo. A opinião é o resultado de um movimento de apropriação de saberes que advêm das proposições circulantes em um grupo social, por essa razão, esse saber assume uma função identitária.

O saber de opinião ainda se subdivide em opinião comum, definida como um julgamento de caráter generalizante, difundido socialmente; opinião relativa, que diz respeito a um sujeito individual ou a um grupo específico; e opinião coletiva, que se manifesta como a avaliação que um grupo faz sobre outro grupo.

Para demonstrar como os imaginários sociodiscursivos são acionados no processo de interpretação, ancorando as inferências previstas e requeridas para a compreensão textual, a seguir, serão analisadas quatro tiras de cartunistas renomados na esfera midiática atual.

Análise do *corpus*: Inferindo o mundo nas ‘entrevistas’ das tiras

Como já mencionado, o *corpus* da presente pesquisa é composto por quatro tiras publicadas nas redes sociais dos autores, duas do cartunista catarinense Alexandre Beck e duas da paulista Laerte Coutinho, artistas reconhecidos na cena do cartum nacional e que têm obras frequentemente utilizadas em inúmeros materiais didático-pedagógicos por seu forte teor de reflexão e crítica. O critério de seleção pautou-se, principalmente, na opção dos desenhistas pela criação de “quadrinhos mudos” (POSTEMA, 2018, p. 126), com o seguinte objetivo central: examinar a incidência dos saberes e imaginários partilhados sobre o processo inferencial que precede a compreensão, refutando, nesse sentido, a aparente naturalidade com que podemos ler/ver imagens e depreender seus sentidos.

Convém lembrar, a partir de Charaudeau (2013b), que a produção de uma imagem, como a de um texto verbal, pressupõe um jogo triádico, que envolve um processo de produção/enquadramento do mundo, um processo de recepção e uma aparelhagem. Embora o olhar para uma imagem nos remeta, mais diretamente, à questão da representação e/ou do próprio mundo nela representado, segundo o autor, é preciso ter em mente que o ‘visível’ testemunha uma operação de recorte e focalização do mundo manipulada segundo um projeto intencional. Com efeito, para compreender a imagem em seus efeitos de sentido possíveis, é preciso acessar um prolongamento ‘não visível’, fora do enquadramento, isto é, interrogar sobre o ato de enunciação em que tem origem, o que demanda de nós procedimentos inferenciais diversos, como veremos.

O interesse desta pesquisa está, pois, voltado para o mapeamento de sentidos que decorrem da recuperação inferencial de dados do contexto e do contrato comunicativo das tiras em estudo, nos termos do que Charaudeau considera como “visível não presente” (2013b, p. 388).

Contudo, a exploração de espaços não visíveis, lacunares, revela-se também na dimensão textual mais interna dos quadrinhos, tendo em vista a natureza dos signos visuais que a constituem como elementos informacionais de natureza pictórica e abstrata, que dizem respeito a traços estruturais da sequência narrativa e respondem a códigos próprios, a exemplo das linhas, contornos, molduras, sarjetas etc.; ou elementos de natureza mimética e icônica, isto é, que têm

ancoragem representativa, intertextual ou simbólica, de maior relação de semelhança com o real (POSTEMA, 2018). Em razão da complexidade da aplicação de ambos os tipos de signos visuais, dos objetivos do presente artigo e, ainda, do espaço limitado nesta publicação, daremos ênfase, na análise do *corpus*, aos signos miméticos ou icônicos.

O primeiro exemplo que nos serve de análise, disposto a seguir, faz remissão à exploração do trabalho infantil. O leitor pode chegar a essa conclusão ao fazer determinadas inferências.

Figura 1 – Tira de Alexandre Beck (Trabalho Infantil)



Fonte: https://twitter.com/de_armandinho/media e <https://www.brasildefato.com.br/2019/06/12/artigo-or-a-infancia-nao-pode-esperar-crianca-nao-trabalha/>. Acesso em: 29 ago. de 2020.

Levando em consideração as inferências situacionais, vale ressaltar dois pontos importantes: primeiramente, as circunstâncias nas quais essa peça foi publicada: além do contexto de uma rede social do cartunista Alexandre Beck, essa tira também figurou em uma reportagem do jornal Brasil de Fato, no dia dedicado mundialmente ao combate ao trabalho infantil. Soma-se a isso o discurso proferido pelo então presidente Jair Bolsonaro, uma semana antes da passagem da lamentável efeméride, que vai de encontro à luta pela preservação da infância: “Trabalhei desde os 8 anos de idade plantando milho, colhendo banana, com caixa de banana nas costas com 10 anos de idade e estudava. E hoje sou quem sou. Isso não é demagogia. Isso é verdade” (BOLSONARO, 2019, n.p.).

Cabe mencionar também que, no Brasil, é proibido, por lei, que a criança trabalhe. No entanto, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), publicada em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que há cerca de 1,5 milhão de crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil (PNDA, 2017). Além disso, não raro, se ouve dizer que ‘é melhor a criança trabalhar do que ficar na rua à toa’, um saber de opinião relativa que, obviamente, não se aplica aos filhos das classes média e alta da sociedade.

O outro ponto é que essa tira se constitui de um personagem fixo, Armandinho, um menino observador e altamente questionador em relação às questões sociais que o cercam. Nesse caso, o leitor que conhece as tiras de Armandinho já espera um posicionamento crítico da personagem sobre temas sociais contemporâneos.

As inferências interdiscursivas, ancoradas em saberes partilhados, são igualmente relevantes para a compreensão da tira. Saberes empíricos, por exemplo, conduzem o leitor a inferir que Armandinho está sendo acompanhado pelo pai à escola, haja vista o uso da mochila e a presença da perna de um homem adulto em todos os quadrinhos, conduzindo-o. Por outro lado, a criança com a qual a personagem Armandinho se depara no caminho está sozinha e carrega caixas de papelão nas costas e nas mãos, o que descarta a hipótese de que também esteja se dirigindo à escola e sugere, assim, o trabalho infantil. A caracterização das personagens também sustenta a percepção de que o menino que parece estar em situação de trabalho escravo é negro e de classe social inferior à de Armandinho – perfil da parcela majoritária de crianças nessa situação segundo a PNDA (PNDA, 2017).

A Fig. 2 foi publicada em uma rede social, em 2015, e remete à comemoração do Dia mundial de combate à homofobia. Àquela altura, completavam-se 30 anos que a homossexualidade deixou de ser tratada como doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Cabe lembrar que, até 1990, a homossexualidade era classificada como um distúrbio mental e, por isso, chamada de homossexualismo. Essas informações fazem parte do conjunto de inferências situacionais que o leitor precisa fazer para aplicar ao processo de interpretação.

Figura 2 – Tira de Alexandre Beck (Combate à homofobia)



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/np.1431887024311753.100005065987619/975463902498916/>. Acesso em: 29 ago. de 2020.

Em relação aos elementos internos que compõem a tira, vale destacar a importância das inferências centrípetas, que contribuem

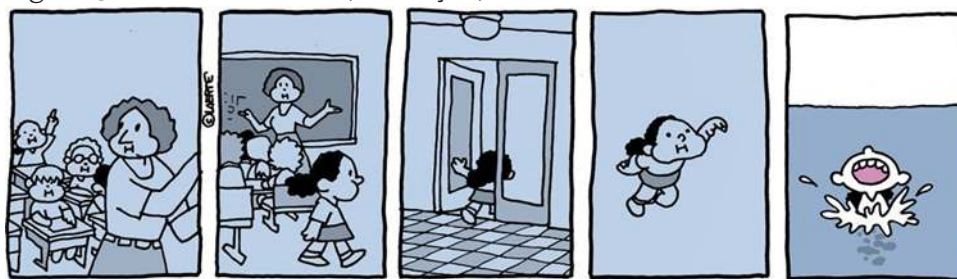
para o reconhecimento das bandeiras, a do Brasil e a do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT). No entanto, é por meio de inferência centrífuga que se pode resolver a ambiguidade polissêmica causada pela presença de uma perna, aparentemente, feminina no segundo quadrinho.

Vejamos: a partir de inferências interdiscursivas, pode-se identificar o cenário como uma das marchas do movimento LGBT. Desse modo, presume-se que a personagem que passa por Armandinho, segurando a bandeira do grupo, seja, muito provavelmente, uma das representantes, logo, uma pessoa homossexual. É oportuno mencionar, ainda, que essa ambiguidade se sustenta em um saber de opinião relativa, que se pauta em uma representação feminina da homossexualidade, o que pode revelar, diga-se de passagem, certa confusão entre identidade de gênero e orientação sexual.

A partir de inferência interdiscursiva, pode-se interpretar, ainda, do sorriso da personagem Armandinho, não só a satisfação da personagem pela manifestação (e aceitação da homossexualidade), mas o contentamento do país, simbolizado pela bandeira brasileira.

A Fig. 3 é de autoria da cartunista Laerte Coutinho e também foi publicada em uma rede social.

Figura 3 – Tira de Laerte (Educação)



Fonte: <https://twitter.com/LaerteCoutinho1/status/114857455734481715>. Acesso em: 29 ago. de 2020.

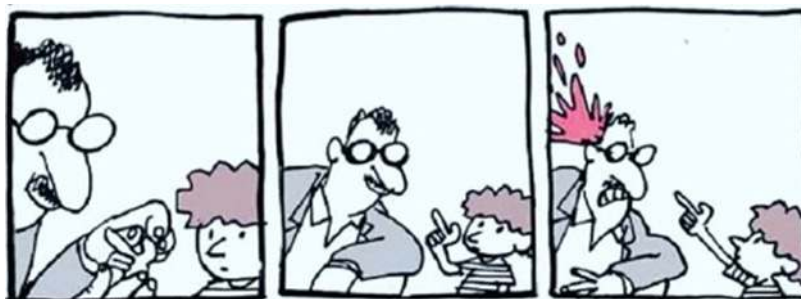
São as inferências centrípetas que, inicialmente, levam o leitor a identificar as personagens como professora e alunos e o cenário em que se passa a situação retratada como uma sala de aula. As inferências centrífugas interdiscursivas, por sua vez, decodificam a significação da mensagem, como veremos:

Nos três primeiros quadrinhos, a tira parece retratar um evento típico de uma situação escolar: uma aluna pede permissão à professora para se ausentar da sala. A partir do quarto quadrinho, como é típico do gênero, quebra-se a expectativa do leitor, que, por meio

do seu conhecimento empírico, pode imaginar que a criança se dirija ao banheiro ou ao bebedouro. No entanto, a tira mostra que a criança precisa tomar ar, sugerindo, assim, que estivesse se sentindo sufocada pela escola. Por conseguinte, para interpretar a tira desse modo, o leitor precisa inferir um saber de opinião relativa, que se sustenta sobre a crença de que certas escolas sobrecarregam as crianças com informações e conteúdos e não lhes oferecem, com a mesma regularidade, atividades mais lúdicas ou recreativas, fazendo com que se sintam exaustas ou ‘submersas’.

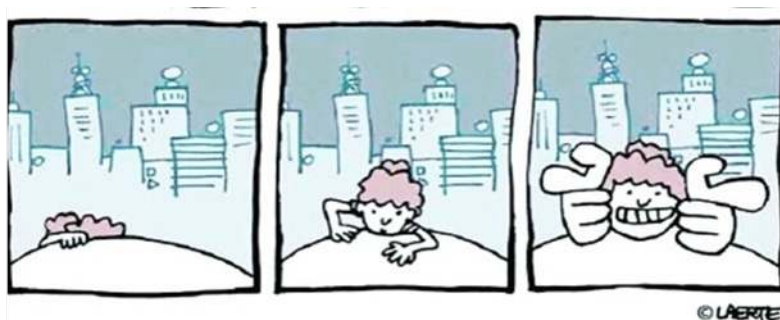
As Fig. 4 e 5, também de Laerte, integram o quarto e último texto da análise, que foi publicado em uma das redes sociais da cartunista, em julho de 2018. Em relação à forma, diferentemente das demais, trata-se de uma tira seriada, estruturada em pequenos ‘capítulos’, que se interligam a uma trama maior (RAMOS, 2009a). Em razão do espaço aqui disponível, daremos ênfase à segunda e à última sequência de um total de seis que compõem essa narrativa curta, porém, mais expandida que as anteriores:

Figura 4 – Tira seriada de Laerte – Sequência 2 (Flexibilização do porte de armas)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bl3Oah0HAE2/>. Acesso em: 29 ago. de 2020.

Figura 5 – Tira seriada de Laerte – Sequência 6 (Flexibilização do porte de armas)



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bl3Oah0HAE2/>. Acesso em: 29 ago. de 2020.

Segundo Ramos (2009a), isoladamente, cada tira da versão seriada forma um gênero autônomo, de sorte que o desconhecimento das que foram publicadas antes ou depois não impede a compreensão das sequências em particular. Entretanto, uma vez composto o conjunto das tiras seriadas em um livro, por exemplo, “ficam mais próximas das histórias em quadrinhos convencionais do que das tiras seriadas propriamente ditas” (RAMOS, 2009a, p. 27).

De modo geral, a narrativa cuja totalidade agrega as Fig. 4 e 5 narra um processo em que uma criança aprende, com um adulto, um gesto analógico ao de atirar com uma arma de fogo. Na sequência, o aprendiz passa a ‘atirar’ e, de fato, matar pessoas à sua volta progressivamente. A partir de inferência centrípeta, o leitor pode identificar os personagens e os ambientes em que a narrativa avança: desde o que pode ser sua própria casa (Fig. 4), espaço menos simbolizado, recuperável pelo reconhecimento da figura masculina como representação do pai; até um estúdio de TV, onde se passa um telejornal, cenário que reúne mais elementos icônicos (Fig. 5).

Para realizar inferências centrífugas durante o processo de interpretação, o leitor não pode prescindir de analisar o contexto em que a situação de comunicação se inscreve. Por isso, vale lembrar um fato que pode ter motivado a intenção psicossociodiscursiva da autora ao produzir essa tira. Alguns dias antes da publicação dessa peça, o ex-presidente do Brasil, ainda em campanha eleitoral, em Goiânia, pegou uma criança no colo e lhe ensinou o sinal de uma arma de fogo, feito com uma das mãos. O evento gerou bastante polêmica em espaços midiáticos e suscitou opiniões polarizadas sobre a flexibilização à posse e ao porte de armas, uma das promessas de campanha do, então, candidato à presidência.

A significação da totalidade da tira pode, então, ser revelada por uma inferência interdiscursiva, que indica um saber de opinião coletiva do grupo contrário à flexibilização do acesso a armas, no qual a cartunista parece se inserir. Para esse grupo, o incentivo ao uso de armas é prejudicial à sociedade, principalmente se isso ocorrer precocemente, como a tira buscou ilustrar.

Considerações Finais

Na perspectiva teórica à qual este texto se filia, interpretar é considerar índices de sentido para deles tirar hipóteses sobre a

significação (CHARAUDEAU, 2018). Como vimos, tais índices são focalizados no processo interpretativo por meio de diferentes tipos de inferências, que levam o leitor a calcular possibilidades dos textos em seus aspectos situacionais, semânticos e discursivos.

No caso do *corpus* analisado, cujos textos circulam no universo do discurso midiático, a mobilização de saberes de crença e de conhecimento por meio do processo inferencial interdiscursivo é de fundamental importância para a identificação dos imaginários sociodiscursivos, que orientam o projeto de captação predominante do enunciador. Tais imaginários sustentam efeitos de sentido como os de humor, tão comuns nas tiras, ou os de *pathos*, mais ligados à emoção, promovidos por meio de um reconhecimento identitário do leitor com as representações sociais projetadas.

Com efeito, a proposta semiolinguística de abordagem do processo inferencial da leitura põe em evidência a importância de uma análise textual que privilegie as relações forma-sentido sempre em seu contexto enunciativo. É um encaminhamento que favorece o professor de linguagens, uma vez que oferece um percurso dinâmico e global de leitura dos textos, movimentando o preenchimento de lacunas do interior para o exterior textual (de forma centrífuga) ou vice-versa (de forma centrípeta).

O ponto de chegada desse percurso é a passagem do sentido à significação, que configura a compreensão. Compreender é, pois, o que dá a impressão de se ter recuperado a totalidade do sentido do que é dito/mostrado; o que, no caso das tiras analisadas, leva a perceber o apelo não dito e não visível dos cartunistas para aderir ao combate à homofobia e à exploração do trabalho infantil, ou à crítica ao sistema de educação extenuante e à liberação do porte de armas.

Uma vez mais, a compreensão é o que forma bons exploradores para transitar na floresta sógnica contemporânea, escolhendo as trilhas que melhor conduzem à vista privilegiada das montanhas e cachoeiras de sentidos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOLSONARO diz não defender trabalho infantil, mas ressalva que trabalhar enobrece todo mundo. **G1**. Política. Brasília, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/05/bolsonaro-diz-nao-defender->

trabalho-infantil-mas-ressalva-que-trabalho-enobrece-todo-mundo.ghhtml. Acesso em 29 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 ago. de 2020.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scène. v. 4. Paris: Harmattan, 2007, p. 49-63.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: Modos de organização. Trad. de Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013a.

CHARAUDEAU, P. Imagem, mídia e política: construção, efeitos de sentido, dramatização, ética. In: MENDES, Emília. (Coord.). MACHADO, Ida Lúcia et. al. (Org.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE: UFMG, 2013b, p. 383-405.

CHARAUDEAU, P. Explication, compréhension, interprétation: interrogations autour de trois modes d'appréhension du sens dans les sciences du langage. In: GUÉRIN, M. et al. (org.). **Les sciences du langage et la question de l'interprétation (aujourd'hui)**. Paris: Lambert-Lucas, 2018. p. 21 -54.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Trad. Pedrinho A. Guareshi. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

POSTEMA, B. **Estrutura narrativa nos quadrinhos**. Construindo sentido a partir de fragmentos. Trad. Gisele Rosa. São Paulo: Peirópolis, 2018.

PNDA Contínua 2016: Brasil tem, pelo menos, 998 mil crianças trabalhando em desacordo com a legislação. **Agência IBGE Notícias**. Estatísticas Sociais. 29 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18383-pnad-continua-2016-brasil-tem-pelo-menos-998-mil-criancas-trabalhando-em-desacordo-com-a-legislacao>. Acesso em 29 ago. 2020.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009a.

RAMOS, P. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (3), p. 355-367, set./dez. 2009b.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. Editora Melhoramentos, Kindle Edition, 2012. Coleção Como Eu Ensino.